

## Carta Semanal 26 (2018): Um mundo profundamente transformado



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**

Em maio de 1956, o presidente Mao Tse Tung atravessou o rio Yangtze. Aos 62 anos, foi uma grande façanha para o líder da República Popular da China fazer o mergulho em toda a extensão. Levou duas horas e nadou 1,6 quilômetros de distância. Mao faria essa travessia várias vezes, uma vez em 1958 e novamente em 1966. Após a travessia de 1956, quando as autoridades chinesas olhavam a construção de uma ponte sobre o rio Yangtze, Mao escreveu um belo poema chamado Natação. É sobre a beleza do rio, a impressionante ponte e a relação da natureza com os humanos. “A vida – como as águas – corre para o passado”, citou Confúcio. Mas então a ponte, um investimento produtivo para tornar a vida menos dura – “Se a deusa ainda estivesse viva”, escreveu Mao, “Ela ficaria maravilhada com um mundo profundamente transformado”.

No mês passado, o estado indiano de Kerala enfrentou as piores inundações desde 1924. Mais de trezentas pessoas foram mortas e milhões de pessoas foram afetadas neste estado de cerca de 35 milhões de pessoas. Existem muitas teorias sobre por que essas inundações têm sido tão severas, a mudança climática entre elas. Mas, o que é certamente muito claro é que, em face desta devastação, a sociedade de Kerala se uniu para garantir o resgate e alívio para aqueles que viram seus mundos serem destruídos, e a vida “passou correndo”. Brinda Karat, membro do comitê central do Partido Comunista da Índia (marxista), **fornece** a visão geral mais abrangente da inundação e do que está por vir. Karat homenageia os muitos anos de trabalho social e construção de comunidades que prepararam o povo de Kerala para o seu trabalho em tempos de crise. “Quem não poderia ser movido pelas missões de resgate voluntário lideradas por milhares de pescadores, que, pegando seus próprios barcos, arriscaram suas vidas em fortes chuvas e águas turbulentas para salvar seus concidadãos?”, Ela escreve. Para mais informações sobre os pescadores, veja esta **nota** de Joy Sebastian.

O ministro-chefe de Kerala – Pinarayi Vijayan, do Partido Comunista da Índia (marxista) – disse que as águas da enchente recuaram: “Nosso objetivo não é meramente uma restauração do Estado aos tempos pré-inundação, mas a criação de uma nova Kerala”. Karat mencionou a longa tradição de construção comunitária e atividade cooperativa no estado. Uma dessas instituições é a Sociedade Cooperativa de Contratos de Trabalho de Uralungal (UCLLS), uma das maiores cooperativas de trabalhadores de construção do mundo (sobre a qual, por favor veja este **livro** da LeftWord Books escrito pelo Ministro das Finanças de Kerala T. Thomas Isaac e Professor Michelle Williams). O UCLLS já implantou suas equipes para trabalhos de restauração em todo o estado. Mas mais do que isso, a cooperativa diz que vai apoiar as necessidades de restauração de casas

em Meloor e em outros lugares – reconstruindo casas e oferecendo apoio médico. Duzentos voluntários, em vinte equipes de dez pessoas, começarão a trabalhar imediatamente. Estes são os heróis da classe trabalhadora do nosso tempo. A deusa ficaria maravilhada com “um mundo profundamente transformado”.

A foto acima, de Aluva, foi tirada por **RK Sreejith** da Times da Índia.



Como esta reconstrução está na agenda, o governo do estado de Kerala precisará levantar recursos consideráveis. Onde vai conseguir esse dinheiro? O governo indiano tem sido mesquinho com seus fundos. A rupia indiana começou a cair vertiginosamente contra o dólar – em baixa nos últimos tempos. Índia, África do Sul, Argentina e Turquia enfrentam a ameaça de uma grande crise financeira, à medida que o Federal Reserve Bank dos Estados Unidos eleva as taxas de juros e os dólares agora retornam aos Estados Unidos. A Argentina já foi ao FMI (em novembro, nosso escritório do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** em Buenos Aires lançará um dossiê sobre essa transação e seus perigos). O que a Índia e a África do Sul vão fazer não está claro.

Enquanto isso, a lira da Turquia caiu em território perigoso. E. Ahmet Tonak e eu – como parte do nosso projeto de pesquisa sobre a economia mundial contemporânea para o **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** – publicamos uma breve **reportagem** sobre a luta da Turquia para estabilizar a lira, a exposição dos bancos europeus e as ameaças de outra crise financeira global. Há, de fato, calafrios nos nervos do capital financeiro. Um gestor financeiro sênior em Wall Street me disse que a Turquia pode ser um problema contido porque os mercados nos principais centros (Nova York, Frankfurt, Tóquio, Londres) estão no meio de um “*rolling bear market*” – ou seja, que eles estão misturando a crise de um setor para o outro no mercado. No entanto, enormes quantias de dívida pública e privada não poderão ser pagas e ocorrerão colapsos. Se a crise de 2007-08 começou com a bolha imobiliária, a crise atual provavelmente virá de uma explosão da bolha da dívida. O setor privado da Turquia terá que pagar US \$ 220 bilhões este ano para pagar suas dívidas. De onde virá esse dinheiro quando a lira estiver em queda livre é difícil de imaginar. A dor desta crise certamente deve ser suportada pelo povo da Turquia, da Argentina, da Índia, da África do Sul – países que emprestaram dinheiro em dólar.

O problema é agravado pela falta de qualquer dinheiro de ajuda genuína na negociação, o excesso de dívida e a falta de opções de crescimento devido a uma lacuna tecnológica, como Jomo Kwame Sundaram (ex-secretário-geral adjunto das Nações Unidas para o Desenvolvimento Econômico) escreve em uma **coluna** recente. Jomo observa que, como resultado da crise, o acesso a medicamentos a preços acessíveis está em baixa. Menos da metade das instalações públicas em países pobres e menos de dois terços das instalações privadas nesses países têm provisões de medicamentos essenciais. O custo social dessas fraudes financeiras é substancial e não deve ser esquecido.

As rachaduras no consenso global são agora evidentes. O ministro de Relações Exteriores da Alemanha, Heiko Maas, foi à imprensa nesta semana para pedir o estabelecimento de instituições globais alternativas àquelas dominadas pelos Estados Unidos. As sanções impostas pelos EUA contra o Irã são o estímulo, mas certamente Heiko Maas deve ter em mente a ameaça financeira representada pelos bancos europeus por sua exposição à crise da Turquia. Sugere que os europeus criem um Fundo Monetário Europeu e uma alternativa ao dólar americano. A Europa, disse Maas, deveria “formar um contrapeso quando os EUA atravessarem as linhas vermelhas”. Enquanto isso, a Turquia levou os EUA à Organização Mundial do Comércio (OMC) por

suas tarifas, o que, segundo a Turquia, viola acordos internacionais de comércio. Assim vai, enquanto os conflitos se intensificam através do Atlântico. Alternativas existem, como Prabhat Patnaik sugere no nosso dossiê mais recente, que você pode baixar e ler **aqui**.

A foto acima é de um sinal luminoso de 20 pés de comprimento feito em 2011 por **Steve Lambert**.



K. S. Jomo escreve sobre os problemas colocados pelos cuidados de saúde como resultado da atual crise financeira. No Brasil, o governo golpista cortou nos últimos anos quaisquer proteções sociais que tivessem sido criadas pelos governos de Lula e Dilma. Programas para tirar as pessoas da pobreza (Bolsa Família), incentivar formas ambientalmente conscientes de redução da pobreza (Bolsa Verde), adquirir alimentos a custos razoáveis e construir cisternas para ajudar as regiões semi-áridas foram cortadas (para saber mais sobre isso, por favor, leia o excelente **relatório** de Anna Sophie Gross). Não é de admirar que os candidatos presidenciais para a eleição de outubro que têm ligações institucionais ou ideológicas com o governo golpista estejam sofrendo nas pesquisas. As pesquisas mais recentes mostram que Lula está na liderança, e que a chapa endossada por Lula de Fernando Haddad e Manuela D'Ávila (no caso de Lula não conseguir concorrer) derrotaria facilmente os candidatos do establishment. Por que um povo – que experimentou um governo progressista – viraria as costas para suas políticas e saltaria para os braços da devastação?

A imagem assombrosa acima é do fotógrafo brasileiro **Sérgio Carvalho**.



Os preços dos remédios estão no teto, o apoio as políticas contra a pobreza estão sendo reduzidos e, claro, a educação está ameaçada. Esta é a política atual da maioria dos governos hoje, tirar o que é necessário que melhoraria o bem público e colocar mais riqueza social nas mãos dos quant-traders (comerciantes quantitativos) que trabalham nos mercados de algoritmos. Se você se perguntar o que é isso – esses quant-traders e esses mercados de algoritmos – então você não está sozinho. Os mercados financeiros já não são dirigidos por comerciantes humanos, mas 80% deles estão na escravidão de computadores altamente sofisticados que executam programas para jogar com o sistema. As casas de investimento com as conexões de internet mais rápidas, os melhores sistemas de computador e os programadores de computador mais inteligentes agora ganham o jogo do dinheiro. A riqueza social agora passa por cabos de alta velocidade nas mãos das casas de investimento mais poderosas, que trabalham – essencialmente – para um número cada vez menor de pessoas mais ricas.

Não admira que as escolas na África do Sul estejam desmoronando, como Zandile Bangani **relata** para o *New Frame*. Esta é uma situação normal para crianças nos países mais pobres.

Mas pior para as crianças palestinas, que têm pouco acesso à educação – suas escolas arrasadas por escavadeiras israelenses, sua jornada para a escola interrompidas por barreiras hostis de Israel, seus professores proibidos de entrar no Território Palestino Ocupado comido pelas traças. Por favor, leia o minha reportagem mais recente **aqui**. Em breve, o **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** lançará um dossiê sobre a situação atual na Palestina. Fique atento.

Em Kerala, o governo da Frente Democrática de Esquerda impulsionou uma agenda para a libertação da comunidade transgênero – operações livres de mudança de sexo, cotas para educação superior pública, um

Conselho de Justiça, a opção por ‘intersexo’ em todas as formas governamentais, um serviço de táxi operado por motoristas transexuais e cobreadores de ingressos transgêneros no metrô de Kochi. Tudo isso e mais como o estado se move em direção a uma sociedade emancipada. À luz destes desenvolvimentos em Kerala, vale a pena prestar atenção à história global da comunidade transgênero. Nossa imagem do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** desta semana (ver abaixo) é da ativista transgênero Marsha P. Johnson, membro fundadora da Frente de Libertação Gay e da Street Transvestite Action Revolutionaries (STAR). Uma vez, Johnson foi perguntado por que ela estava se manifestando. “Querida, eu quero meus direitos homossexuais agora”, ela respondeu.

Cordialmente, Vijay

PS: você pode encontrar todas as cartas semanais anteriores em nosso site, bem como nossos dossiês, documentos de trabalho e outros materiais. Para assinar esta carta semanal em inglês, espanhol, português ou francês, visite o site (clique **aqui** para inglês, clique **aqui** para espanhol).

